



DECOLONIALIDADES E SUAS INTERFACES

DECOLONIALITIES AND THEIR INTERFACES

Flavius Almeida dos Anjos¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Sávio Siqueira²

Universidade Federal da Bahia

A proposta deste Dossiê, intitulado "*Decolonialidades e suas Interfaces*", germinou a partir da sensível iniciativa da professora Denise Scheyerl, hoje titular aposentada do Instituto de Letras da UFBA, como um gesto de contribuição à visibilidade dos estudos desenvolvidos pelos membros do GT

¹ flaviusanjos@gmail.com.

² savio_siqueira@hotmail.com.

Transculturalidade, Linguagem e Educação, da ANPOLL — embora, desde sua origem, tenha permanecido aberto a todas e todos que se dedicam às múltiplas configurações da temática. Após um percurso de maturação, a presente edição se consolida, reunindo vozes que transitam por diversos caminhos dentro do vasto campo das decolonialidades. As reflexões que compõem este volume percorrem, por exemplo, análises de canções contemporâneas sob o prisma da (de)colonialidade, atravessam os discursos da elite senhorial oitocentista marcados pela repressão linguística e alcançam práticas formativas docentes orientadas por olhares decoloniais — compondo, assim, uma constelação crítica, sensível e insurgente de saberes e experiências.

Nesta proposta, Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB) e Nádja Nayra Brito Leite (UNEB) empreendem uma leitura crítica da canção *AmarElo* (2019), do rapper Emicida, à luz das epistemologias decoloniais e das tensões inscritas na crítica social contemporânea. A análise se debruça sobre os modos como a obra entrelaça interseccionalidades e desafia discursos forjados sob as marcas do colonialismo, da escravidão e da ditadura no Brasil. Ao evocar conceitos como colonialidade, eurocentrismo e decolonialidade, o estudo revela a potência estética e política da música como forma de agenciamento artístico insurgente, capaz de rasurar narrativas hegemônicas e reconfigurar sentidos históricos.

Na mesma linha crítica, Carlos de Lemos (UFF) investiga os discursos da elite senhorial letrada do século XIX a respeito do português falado por negros escravizados, com foco em textos publicados entre 1856 e 1858 no *Monitor Campista*, periódico do norte da então província do Rio de Janeiro. Ancorado em uma abordagem historiográfica, na Análise Dialógica do Discurso e em uma perspectiva decolonial, o autor problematiza a retórica de ameaça à integridade da língua portuguesa, denunciando a colonialidade da linguagem como instrumento de silenciamento e repressão das dinâmicas linguísticas forjadas por

sujeitos negros. O estudo reconhece o escravizado não apenas como objeto da história, mas como agente ativo na constituição sociopolítica da língua.

Lucas Santos de Assis (UFAL), Nara Gleyce Cavalcante da Silva (UFAL) Rodrigo Agra de Oliveira e Flávia Colen Meniconi (UFAL), por sua vez, propõem uma experiência pedagógica marcada por compromissos decoloniais, voltada ao enfrentamento da Colonialidade de Gênero no ensino de Língua Espanhola em uma escola situada na periferia de Maceió (AL). Alinhada aos pressupostos do Letramento Crítico e fundamentada na metodologia da pesquisa-ação, a proposta engajou os estudantes na criação de cartazes e no compartilhamento de relatos pessoais via WhatsApp, como formas de expressão e denúncia. A análise dos textos produzidos evidenciou a emergência de uma consciência crítica em formação, refletida nos elementos linguísticos que desvelam as marcas e resistências à colonialidade de gênero.

Na sequência, Lívia Radis Baptista (UFBA) investiga os modos pelos quais pesquisadores e professores de línguas, inseridos em um componente curricular de um programa de pós-graduação, ressignificam suas práticas docentes a partir dos letramentos críticos. A pesquisa, de natureza qualitativa e crítico-reflexiva, toma como *corpus* interações em fóruns virtuais e respostas a um formulário eletrônico por ela produzido. Os dados da investigação revelam deslocamentos conceituais e atitudinais que apontam para o potencial transformador dos letramentos críticos como sementes de práticas pedagógicas decoloniais no ensino de línguas.

Kyria Finardi (UFES) e Eduardo Diniz de Figueiredo (UFPR) voltam o olhar para as emoções que emergem na reflexão de uma formadora de professores durante, no âmbito da disciplina de Prática de Ensino. Impedida de realizar estágios presenciais devido ao isolamento causado pela pandemia de Covid-19, a educadora instaurou intercâmbios virtuais com turmas internacionais. A análise aponta para sentimentos ambíguos – entre a ansiedade diante da comunicação em inglês com falantes nativos e a insegurança diante das

tecnologias – e aponta para a necessidade de desnaturalizar as ideologias de proficiência baseadas no ideal hegemônico do falante nativo, herança colonial ainda latente na formação docente.

Marcia Palharini Pessini e Maria Elena Pires Santos (Unioeste) apresentam práticas pedagógicas transgressoras desenvolvidas no curso de licenciatura em Física do IFPR – Campus Foz do Iguaçu (PR), cuja intenção é incorporar à formação docente a complexa diversidade linguístico-cultural das regiões de fronteira. Na ausência de tal temática no currículo oficial, o projeto ergue uma proposta de formação docente ancorada em fundamentos decoloniais, culturalmente sensíveis e anti-hegemônicos, a fim de responder, com compromisso ético e político, aos desafios das escolas localizadas em territórios multilíngues e multiculturais do nosso país.

Fernanda Mota-Pereira (UFBA), em texto de cunho teórico, examina criticamente o conceito de bilinguismo a partir de uma perspectiva decolonial, defendendo uma mudança de compreensão do “bilíngue” para “plurilíngue”, já que a autora concebe esta última como mais ecológica e inclusiva e que, de fato, reconhece as confluências entre línguas de forma mais ampla. Com base em pesquisa bibliográfica e observações sobre ensino no Brasil e, sobretudo, na cidade de Salvador (BA), Mota-Pereira, ao problematizar fronteiras linguísticas rígidas, identifica e critica as colonialidades enraizadas nos modelos atuais de educação bilíngue, particularmente no Brasil, onde ainda prevalecem noções elitistas e excludentes quanto a quem pode ser considerado bilíngue no nosso contexto. Em última análise, a autora defende a educação plurilíngue como uma alternativa decolonial, enfatizando a inerente capacidade plurilíngue do indivíduo, propondo, assim, uma abordagem mais equitativa e socialmente justa para o aprendizado de línguas que, entre outros aspectos, democratize o acesso e desmantele as distinções hierárquicas ainda tão comuns na educação linguística assim como na educação em geral.

Já o texto assinado por Bruna Sampaio Silgueiro Mardegan (UEM) e Luciana Cabrini Simões Calvo (UEM) traz um recorte de uma pesquisa de natureza qualitativa que analisou os entendimentos e representações de professores em formação inicial sobre o Inglês como Língua Franca (ILF) em uma disciplina de formação de professores, abordando as interações e atividades desenvolvidas pelos acadêmicos. Os resultados evidenciaram que os futuros professores de língua inglesa atribuem apreciações positivas ao ILF, e suas compreensões incluem categorias como, por exemplo, o ILF ser uma língua de contato que permite a comunicação entre pessoas de diferentes origens e culturas. De acordo com o estudo, os participantes também veem o ILF como uma perspectiva mais flexível de ensinar e aprender a língua inglesa, o que pode tornar os falantes mais confortáveis, implicando, dessa forma, uma reconsideração sobre aspectos como correção e a própria aceção de “erro” em sala de aula. Com base na investigação, as autoras destacam também a percepção dos participantes sobre usos criativos da língua e apropriações locais, a descentralização do falante nativo como modelo ideal, e a importância de abordar a cultura de forma diversa e plural, mantendo o *background* cultural dos falantes. Além disso, os futuros professores demonstram uma visão crítica sobre a relação entre o ILF e a globalização, reconhecendo aspectos como o marketing, o capitalismo e as estruturas de poder envolvidas. A partir dos resultados do trabalho, as autoras, finalmente, chamam a atenção para relevância de incluir a perspectiva do ILF na formação docente em programas de formação, no sentido de melhor equipar os futuros professores para os desafios do ensino da língua inglesa na atualidade, desconstruindo, entre outras coisas, visões mais tradicionais de ensino de línguas.

O artigo de Diego Oliveira Santos (UFBA) investiga o estigma da sexualidade em jogos online, focando no game *World of Warcraft*, através da análise de falas de avatares masculinos e de comentários públicos sobre representações de gênero. Empregando a Teoria Decolonial, que aborda o gênero

como um marcador eurocêntrico, e a Análise do Discurso Crítica (ADC), para investigar a operação da ideologia, o estudo demonstra como as mídias digitais, sob a perspectiva da telecolonialidade, reproduzem e perpetuam práticas coloniais e hierarquias de gênero e sexualidade. Os resultados da análise indicam que os discursos presentes no jogo e nos comentários dos jogadores utilizam estratégias simbólicas como dissimulação, reificação e fragmentação, construindo e subalternizando masculinidades não hegemônicas e evidenciando a “invenção do outro” por meio de representações estigmatizadas e homofóbicas. O autor, portanto, ressalta a necessidade de desnormalizar e deslegitimar discursos violentos que marginalizam outras formas de existência, fomentando uma reflexão crítica sobre as construções identitárias mediadas pela tecnologia e pela colonialidade.

Diogo Oliveira do Espírito Santo (UFRB) contribui com o dossiê, explorando de maneira assertiva a dimensão experiencial da educação linguística em língua inglesa, a qual congrega propostas teórico-metodológicas fundadas no que ele chama de translinguajar de sujeitos bi/multilíngues. Nas suas elaborações, o autor põe em diálogo a translinguagem, os estudos sobre repertório linguístico, as opções decoloniais e as pesquisas sobre Inglês como Língua Franca (ILF), visando à caracterização das bases epistemológicas dessa dimensão cujo objetivo é reconceituar o ensino de línguas a partir de outras lógicas. Com base nisso, Espírito Santo, com seu rico e provocativo texto, busca demarcar os fundamentos de um conceito que se pauta nas experiências de indivíduos cujas práticas de linguagem foram/são deslegitimadas por paradigmas modernos/monolíngues, assim como se ampara na compreensão de que atuar por entre línguas e recursos diversos é uma ação que, por natureza, ostenta potencial disruptivo. Nas suas conclusões, o autor discute o impacto dessa teorização numa educação linguística ampliada em língua inglesa voltada não apenas para o saber, mas também para o ser e o sentir de maneira socialmente justa e efetivamente responsável.

Tatiany Pertel Sabaini Dalben (UESC), por sua vez, discute as dificuldades enfrentadas por professores de língua inglesa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA), no que se refere ao uso de materiais didáticos. Segundo a autora, o principal desafio é encontrar um material alinhado às demandas pedagógicas da formação docente. Dalben, então, realizou uma pesquisa-ação que explorou o desenvolvimento de um material didático, fundamentando-se na Pedagogia Crítica, Linguística Aplicada Crítica e nos Pós-Métodos. Aplicando modelos de sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), os resultados apontam a constituição de um material didático cuja abordagem alinha teoria e prática.

Por último, mas não menos importante, Adriana Alves Pinto (CEFET/MG) apresenta em seu artigo uma reflexão sobre como a perspectiva dos estudos decoloniais pode ser acionada no contexto de ensino de língua inglesa, através da conscientização e desconstrução das influências coloniais no ensino de idiomas. A autora destaca a importância do reconhecimento do inglês como língua franca, conforme a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e tensiona a visão colonialista de exames de proficiência que reforçam uma visão supremacista da língua inglesa como estrangeira. Além disso, Pinto discute a aprendizagem da língua inglesa por estudantes em situação de deficiência em uma perspectiva decolonial, contribuindo, assim, para um ensino mais inclusivo e equitativo.

Como se vê, apresentamos neste dossiê um conjunto de textos bem articulados que refletem, sob diferentes interfaces, a temática da decolonialidade, trazendo contribuições para o debate ainda contemporâneo e tão necessário no campo da Linguística Aplicada, com que os seus autores buscam confrontar as investidas hegemônicas e de supressão das formas de ser e pensar.

Por fim, gostaríamos de dizer que assumimos com afeto e responsabilidade intelectual, a tarefa de dar continuidade a este dossiê, atendendo ao generoso convite da estimada professora Denise Scheyerl. Mais do

que um gesto de reconhecimento, esta iniciativa busca também fortalecer os estudos sobre decolonialidades no nosso contexto e ampliar os espaços de insurgência do pensamento crítico, que, mesmo nas frestas da Academia, insiste em florescer como trincheira epistemológica.